

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**ÂNGELA DE OLIVEIRA
11/0024842**

**EU ESPERO:
ROTEIRO DE LONGA-METRAGEM**

**BRASÍLIA
JUNHO DE 2016**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**EU ESPERO:
ROTEIRO DE LONGA-METRAGEM
ALUNA: ÂNGELA DE OLIVEIRA**

Roteiro de longa-metragem apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel no curso de Comunicação Social habilitação Audiovisual pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Erika Bauer

**BRASÍLIA
JUNHO DE 2016**

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação Social
Departamento de Audiovisual e Publicidade

Ângela de Oliveira
11/0024842

Projeto Experimental aprovado em ____/____/____ para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social habilitação Audiovisual.

BANCA EXAMINADORA:

Erika Bauer de Oliveira

Denise Moraes

Carlos Henrique Novis

Gustavo de Castro (Suplemente)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os sobreviventes, todas as pessoas que perderam alguém querido para o suicídio. Jamais poderei mensurar, sentir e transcrever a dor de vocês, mas o que eu puder fazer para evitar que outros venham a sentir a mesma dor, eu farei.

A todos os que foram guerreiros, mas a dor foi mais forte e desistiram dessa vida. Talvez nunca compreendamos o que vocês passaram e a decisão de cada um. Não cabe a nenhum de nós julgar o que se passou, nem o tamanho da dor de cada pessoa. Que a vida de vocês não tenha sido em vão e que cada morte seja um alerta para estarmos mais atentos àqueles que estão ao nosso redor e que ainda podemos salvar.

A todos aqueles que sofrem com depressão, alcoolismo, vícios, ansiedade, desespero e que acordam sem saber se conseguirão sobreviver até o final do dia, que acham que a morte pode ser uma solução. Espero que vocês saibam o quanto a vida de cada um é valiosa e que existe muitas pessoas dispostas a ajudar. Não tenham medo de procurar ajuda, você é muito importante para o mundo não te ter.

A todos que vivem. Viver é o presente mais valioso que já ganhamos e jamais ganharemos outro igual. Que nós jamais hesitemos em lutar pela vida, em servir de apoio, em ajudar sempre que preciso e estar atentos aos que estão ao nosso redor. Não precisa ser super herói para salvar vidas, basta estar disposto a escutar e saber como proceder. Que este trabalho possa ao menos iniciar um debate para nos informarmos mais e evitarmos que mais pessoas percam entes queridos através do suicídio.

Se você se sente depressivo, tem pensamentos suicidas, acha que a morte pode ser uma solução, não hesite em procurar ajuda ou alguém com quem conversar. O CVV - Centro de Valorização da Vida - oferece “apoio emocional e prevenção do suicídio, atendendo voluntária e gratuitamente todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo por telefone, email, chat e Skype 24 horas todos os dias”¹. Você pode entrar em contato através do número 141, ou no <http://www.cvv.org.br>, ou ainda pelo e-mail atendimento@cvv.org.br.

¹ <http://www.cvv.org.br/inde.php>

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por ter me dado oportunidades para viver os meus sonhos e chegar a um trabalho do qual eu me orgulhasse. Por ter me dado uma força para conseguir finalizar esse trabalho. E a Nossa Senhora que nos momentos de dificuldade se fez presente para me lembrar que é no impossível e naquilo que sozinha eu não posso fazer, que Deus age.

Agradeço ao meu pai, que por muitas vezes mesmo sem compreender o que eu queria fazer e qual caminho seguir, me deu asas e me ensinou a voar para que eu pudesse conquistar os meus sonhos. Sem o apoio dele nada disso seria possível.

Agradeço a minha orientadora, Erika Bauer, que ainda um ano antes do projeto final já aceitou me orientar e me acompanhou nesse longo processo. Obrigada pela oportunidade de ser sua monitora e aprender com você. Seus conselhos sempre me ajudaram a enxergar com clareza o que eu queria do meu projeto final.

Agradeço aos professores Rafael Lima e Barbara Leibel, que me instruíram e acompanharam durante o meu intercambio na University of Miami. As lições que vocês me ensinaram sobre roteiro jamais serão esquecidas, elas deram início a esse projeto e foram essenciais para completar essa jornada.

Agradeço a minha melhor amiga e irmã Fernanda Oliveira, seu apoio foi fundamental. Obrigada pelo carinho, paciência e compreensão. A sua empolgação em ler as páginas de roteiro que eu ia escrevendo foram essenciais para me manter empolgada e continuar com o projeto.

Agradeço os meus amigos e advogados Fabricio Colaço e Márcio de Oliveira Sousa. Não sei o que seria de mim sem vocês para me socorrer com todas as dúvidas técnicas que eu tinha. Sem vocês eu jamais conseguiria terminar esse roteiro.

Agradeço aos demais professores e funcionários da Universidade de Brasília e University of Miami por terem me ensinado, me ajudado e me impulsionado para frente durante essa jornada. Esse trabalho é reflexo do trabalho de vocês na minha vida.

*“Existe uma história que só você pode contar. É essa história que
você deve escrever.”*

Juan Carlos Coto

RESUMO

Desenvolver um roteiro é bem mais do que apenas trabalhar uma boa ideia e escrevê-la ao longo de inúmeras páginas. São necessárias algumas técnicas e estratégias para que seja alcançado o objetivo de contar uma história através de cenas. Esta memória apresenta como foi o processo de criação e desenvolvimento do roteiro de longa-metragem ‘Eu Espero’, escrito para ser apresentado como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Audiovisual da Universidade de Brasília. A memória também aborda a relação da temática do suicídio e luto dos sobreviventes com a história contada e as estratégias e metodologias utilizadas para o desenvolvimento da história, dos personagens e do roteiro em si.

Palavras-chave: roteiro, longa-metragem, suicídio, luto dos sobreviventes.

ABSTRACT

To develop a script is more than just working on a good idea and then writing it throughout many pages. Some techniques and strategies are needed to achieve the goal of telling a story through scenes. This memoir presents how “Eu Espero” script’s creative and development processes happened. This script was written to be presented as final project of Social Communication at the Universidade de Brasilia. This memoir also presents the relationship between suicide, grief of suicide survivors and the story told; and the strategies and methodology used to develop the story, characters and the script in itself.

Key words: script, feature film, suicide, loss, suicide survivor grief.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. JUSTIFICATIVA.....	9
3. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	11
3.1 <i>Logline</i>	13
3.2 A criação dos personagens.....	13
3.3 Estrutura.....	15
3.3.1 Estrutura de 3 atos e 4 partes.....	15
3.4 Blake Snyder Beat Sheet	16
3.5 O quadro	18
3.6 Escrita e Revisões.....	19
4. LOGLINE.....	19
5. PESQUISA.....	20
5.1 Filmes	20
5.2 Livros.....	21
5.3 Seriados.....	21
6. PERFIL DOS PERSONAGENS.....	21
6.1 Alice.....	21
6.2 Thiago.....	23
6.3 Helena.....	24
6.4 Viola.....	24
7. BEAT SHEET.....	25
8. O QUADRO.....	26
9. ESCRITA.....	27
10. CONCLUSÃO	28
11. BIBLIOGRAFIA.....	30
12. ANEXOS.....	32
12.1 Beat Sheet.....	33
12.2 O Quadro.....	34
12.3 Eu Espero: Roteiro	35

1. INTRODUÇÃO

Desde sempre a minha paixão sempre foi contar histórias, imaginar personagens e dar vida para eles. Eu entrei na faculdade com a certeza de que se eu conseguisse escrever algo que tocasse o coração de uma pessoa como alguns seriados de televisão muitas vezes me emocionavam, eu já me daria por realizada.

Busquei me dedicar as disciplinas de roteiro com afinco, dar monitoria e a minha ida num intercâmbio foi motivada pelo meu desejo de aprender ainda mais. Na *University of Miami*, eu tive a oportunidade de cursar *Intermediate Screenwriting* com a professora Barbara Leibel, matéria a qual tínhamos o objetivo de desenvolver a estrutura de um roteiro de longa metragem, além de escrever o primeiro ato.

Chegar numa ideia final para apresentar no meu *pitch* e desenvolver ao longo do semestre foi um trabalho árduo que contou muito com a paciência da professora em me ajudar a encontrar algo que eu quisesse escrever e que fosse forte o suficiente para desenrolar em três atos. Ao final do semestre, eu entreguei o primeiro ato e deixei a ideia amadurecendo na minha cabeça até o momento oportuno de desenvolvê-la no meu projeto final.

Durante a disciplina de pré-projeto, eu comecei a mergulhar mais na minha história e descobrir temas que precisavam ser trabalhados com mais profundidade. As pesquisas me levaram a conhecer números e realidades do suicídio que me chocaram e ao mesmo tempo me deram a certeza de que valia a pena escrever esse roteiro, que precisava ser falado mais sobre o suicídio, não só nos noticiários, mas nos livros, na televisão, nos filmes.

E assim a história de Alice começou a tomar forma e virar o roteiro de “Eu Espero”, a história de uma sobrevivente ao suicídio que luta para salvar a vida de Viola, uma criança negligenciada pelos pais, na esperança de conseguir salvar a sua própria vida junto.

2. JUSTIFICATIVA

Todos os anos milhares de pessoas cometem suicídio. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), no mundo mais de 800.000 pessoas cometem suicídio por ano, o que equivale a uma morte a cada 40 segundos², e, em 2012, foi a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos ficando atrás apenas de acidentes de trânsito (Organização Mundial

² <http://www.who.int/features/qa/24/en/>

da Saúde, 2014). Em 2010³, o Brasil foi o sétimo país com mais suicídios totalizando 9,454 mortes e ficando atrás apenas da França, Alemanha, Japão, República da Coreia (Coreia do Sul), Rússia e Estados Unidos⁴.

A OMS tem se esforçado para criar ações como o Setembro Amarelo e o Dia Internacional da Prevenção do Suicídio (10 de setembro), traçado metas e encorajado estratégias de redução do suicídio no mundo. Um dos pontos principais na prevenção é aumentar a conscientização da comunidade em relação ao suicídio e acabar com o tabu.⁵ “A disseminação apropriada da informação e o aumento da conscientização são elementos essenciais para o sucesso de programas de prevenção do suicídio.” (Organização Mundial da Saúde, 2010, p.2).

Falar sobre suicídio não é fácil, pois além de ser um tabu, existe o medo de que falar sobre possa encorajar as pessoas a cometerem, mas a verdade é que quanto menos se fala mais pessoas se matam. Conversar abertamente sobre suicídio pode dar a oportunidade de alguém que está considerando isto como uma opção de repensar as suas decisões⁶, “perguntar sobre suicídio frequentemente reduzirá a ansiedade a respeito deste tema; o paciente pode sentir-se aliviado e melhor compreendido” (Organização Mundial da Saúde, 2000a). Quanto mais as pessoas sabem sobre suicídio e conversam, mais mortes podem ser prevenidas. Quando os sinais de um possível suicídio ou de pensamentos suicidas são identificados a tempo é possível com o devido tratamento preveni-lo.

Alguns livros e filmes recentemente tem abordado o tema. Um dos exemplos mais claros (e chocantes) é o documentário *A Ponte (The Bridge)* dirigido por Eric Steel, que junto com a sua equipe passou um ano filmando pessoas pulando da ponte Golden Gate Bridge em São Francisco, Califórnia, para se matarem e entrevistou alguns amigos e familiares, mostrando como se deu a morte e como a família lidou com isso. O documentário brasileiro *Elena* da diretora Petra Costa aborda também a temática através do suicídio de Elena e a busca da própria Petra em encontrar a irmã através dos seus diários, das pessoas com quem ela viveu e dos lugares onde ela foi. Outros exemplos são os livros *Os 13 Porquês (13 Reason Why)* de Jay Asher e *Eu estive aqui (I was here)* de Gayle Forman.

³ Ano mais recente que se tem dados disponíveis sobre suicídio no Brasil no site da OMS

⁴ <http://apps.who.int/healthinfo/statistics/mortality/whodpms/>

⁵ <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs398/en/>

⁶ http://www.who.int/mental_health/suicide-prevention/myths.pdf?ua=1

A exceção de Eu estive aqui e, de certa forma, Elena, os livros e filmes que eu li e assisti que abordavam o assunto sempre estavam voltados a compreender o porquê aquela pessoa se matou, mas muito pouco se falava sobre como os familiares e amigos vivenciaram o processo de luto. A ideia para o roteiro de Eu Espero sempre foi abordar o luto da Alice, pois me parecia muito mais interessante do que entender porque a irmã dela se matou.

Na psicologia esse processo pelo qual Alice passa é conhecido como luto dos sobreviventes. Os sobreviventes são as pessoas que ficam para trás, que perdem alguém significativo, um parente, amigo, para o suicídio (Conselho Federal de Psicologia, 2013; Organização Mundial da Saúde, 2008). Estima-se que cerca de 6 a 10 pessoas são afetadas diretamente por cada suicídio cometido (Conselho Federal de Psicologia, 2013), ou seja, entre 6 a 10 sobreviventes que passam por um processo de luto que apesar de ser individual tem suas características comuns.

Sentimento de culpa por não ter conseguido evitar a morte, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) (Silva & Polubriaginof, 2009), dormência física, anestesia emocional, despreendimento da realidade, isolamento, perda de interesse (Conselho Federal de Psicologia, 2013), depressão, dentre outros. Os sintomas podem variar em intensidade e são importantes de serem notados e acompanhados, pois apenas o fato de ser um sobrevivente já é considerado como fator de risco de suicídio.

Abordar o luto dos sobreviventes é tão importante quanto abordar o suicídio. Entender um pouco do que se passa com um sobrevivente, ainda que através de um personagem ficcional, pode ser um passo para olharmos com mais compaixão àqueles que estão ao nosso redor e enfrentando batalhas incompreendidas por nós. Escrever essa história para mim é ir muito além de emocionar as pessoas e de me realizar, tem o cunho social de mostrar uma dor que muitas vezes é escondida e abafada pelo tabu que é falar de suicídio.

3. REFERÊNCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Como base teórica e metodológica para a criação desse roteiro inicialmente foram escolhidos três livros principais e ao longo do caminho um quarto foi adicionado. Eles são *Screenwriting Down to the Atoms* de Michael Welles Schock, que trata sobre história e estruturas básicas de um roteiro, *Save The Cat!* de Blake Snyder que serviu como o principal referencial metodológico no desenvolvimento da estrutura do roteiro, *45 Master Characters* de

Victoria Lynn Schimdt para a criação dos personagens, no entanto esse livro acabou não atendendo bem as necessidades da história e *The Complete Writer's Guide to Heroes and Heroines* de Tami Cowden, Caro LaFever e Sue Viders foi utilizado em seu lugar para a criação dos personagens. Além desses livros, outros serviram de referencial teórico-metodológico ao longo deste processo.

Antes de dar início propriamente ao roteiro e as outras etapas que vão levar a sua conclusão, é necessário estabelecer alguns conceitos. Dentre eles, o principal é o conceito de história como narrativa. O que é uma história? Michael Welles Schock (2013) define, no livro *Screenwriting Down to the Atoms*, história como “uma série de eventos sobre SERES HUMANOS lidando com um PROBLEMA unidos por uma PREMISA contada numa ORDEM ESTRUTURADA” (p.28).

Os quatro elementos principais, então, de uma história são (1) os personagens, (2) o problema que se concentra no conflito central, (3) a premissa que liga os personagens ao conflito central e faz com que todos de uma forma ou outra trabalhem para a resolução ou não resolução do problema e (4) uma ordem estruturada que apresenta uma relação de causalidade entre um evento e outro, garantindo que tudo que aconteça na história faça sentido (SCHOCK, 2013).

Para que a história funcione, além dos quatro elementos descritos acima, é necessário que ela tenha uma espinha que ligue a história do começo ao fim, de forma que todos os personagens, ações, eventos estejam ligados impulsionando a história para frente (SCHOCK, 2013).

A espinha da história é composta por cinco elementos: (1) o problema principal do protagonista, (2) o objetivo principal do protagonista, uma vez que esse objetivo é alcançado, o problema é superado e a história chega ao fim, (3) o caminho de ação, que é a forma como o protagonista decide seguir para atingir o seu objetivo, (4) o conflito principal, que é a força de antagonismo que impede o protagonista de alcançar o seu objetivo, e (5) o que está em jogo (*stakes*) para o protagonista, o que ele irá perder ou ganhar caso ele consiga ou não alcançar o seu objetivo que continua motivando o personagem a seguir em frente mesmo com a oposição dos conflitos (SCHOCK, 2013).

Partindo desse conceito de história como narrativa e espinha da história e seguindo a metodologia proposta por Blake Snyder (2005), o desenvolvimento do roteiro passou por seis

etapas: (1) desenvolvimento da logline, (2) a criação e desenvolvimento dos personagens, (3) o preenchimento da beat sheet, (4) a estruturação do quadro (escaleta), (5) a escrita do roteiro e (6) as revisões.

3.1 Logline

No método descrito por Blake Snyder (2005), no livro *Save The Cat!*, ele propõe que antes que a história seja desenvolvida e transformada em roteiro, ela precisa primeiro tomar a forma de uma logline⁷. A logline deve conter quatro elementos: ironia, a capacidade de condensar todo o filme numa frase, a audiência e o custo. “Junto com um bom ‘O que é isso?’, o filme deve ter um senso claro de sobre o que é e para quem é. O tom, potencial, o dilema dos personagens e o tipo de personagens que eles são devem ser fáceis de entender e atraentes” (SNYDER, 2005, p.16).

3.2 A criação dos personagens

Assim como a história o personagem tem a sua estrutura e espinha. “Um protagonista que não sabe o que quer, ou sabe mas não se importa muito em obter ou não a coisa desejada, é material dramático pobre” (HOWARD & MABLEY, 2002, p.79). É preciso saber “quem é o personagem, o que ele deseja, porque deseja e o que está disposto a fazer para alcançar seu objetivo” (SEGER, 2007, p.178) para que o personagem possa ser compreendido pelos espectadores. A clareza da história depende disso.

A motivação faz com que o personagem se envolva na trama (SEGER, 2007). Sem nenhuma motivação o personagem é carregado pela trama ao invés de ser proativo e tomar decisões que levem a história a frente. Essas decisões são refletidas nas ações dos personagens, para que a trama seja interessante é necessário que os personagens, em especial o protagonista e o antagonista, estejam constantemente em ação.

“A motivação é o que coloca o personagem em movimento. No entanto, o que dá direção a esse movimento é outro fator: o objetivo” (SEGER, 2007, p.184). A ação não pode ser descoordenada senão o personagem não faz sentido para os espectadores. Além do personagem

⁷ Logline aqui equivale a storyline, a preferência de usar o primeiro termo e não o segundo se dá para manter a unidade com o livro utilizado como referencial metodológico.

ter uma motivação por trás das ações, ele precisa ter um objetivo claro e fazer de tudo para alcançá-lo no final, tanto o protagonista quanto o antagonista.

Todo personagem é composto de um objetivo externo e uma necessidade interna. O objetivo externo é demonstrado na história A, está ligado à resolução do problema principal. A necessidade interna é algo que o personagem deve aprender/superar ao longo da jornada. Geralmente a história B é que faz essa conexão com a necessidade do personagem e tenta ensinar alguma lição. Uma das principais diferenças entre o protagonista e o antagonista é que o protagonista aprende as lições durante a história e termina o filme como uma pessoa melhor, já o antagonista insiste em continuar o mesmo.

Victoria Lynn Schmidt (2011) descreve, no livro *45 Master Characters*, 45 arquétipos de personagens dando detalhes sobre como eles se comportam, o que os motiva e como eles reagem aos outros arquétipos. Apesar de interessante o ponto de vista abordado pela autora, durante o processo de criação dos personagens houve dificuldade em adaptar os arquétipos descritos por ela dentro das necessidades da autora.

A partir de uma pesquisa de outros livros que tinham uma ênfase semelhante e da leitura de avaliações e recomendações sobre outros livros chegou-se ao livro *The Complete Writer's Guide to Heroes and Heroines* de Tami Cowden, Caro LaFever e Sue Vidars, que de uma forma semelhante trazia arquétipos, porém a forma como estes eram descritos se aproximavam mais das necessidades do roteiro.

A opção por trabalhar com arquétipos não foi para prender os personagens forma ideal, num modelo universal, mas para me dar uma base, uma planta da onde eu pudesse construir os meus personagens sem perder de vista o papel que eu queria que eles cumprissem na história.

Para os personagens principais, Alice e Thiago foram escolhidos respectivamente os arquétipos de *Crusader* e *Chief*. A *Crusader* é uma heroína que luta por aquilo que ela acredita, não abre mão das suas convicções e sempre busca fazer o bem. O *Chief* é um arquétipo masculino bem parecido com a *Crusader* no sentido de lutar pelas coisas, mas ele sempre busca ir pela lei e é realista. Mais sobre os arquétipos escolhidos e como eles dialogam com os personagens será discorrido na seção sobre o perfil dos personagens.

3.3 Estrutura

O próximo passo após a definição da logline é o desenvolvimento da estrutura do roteiro. “Parte da arte de escrever e reescrever um bom roteiro consiste em encontrar uma estrutura forte o bastante para comportar a história” (SEGER, 2007, p.38). Syd Field (2001), no livro *Manual do Roteiro*, e Doc Comparato (2009), no livro *Da Criação ao Roteiro*, propõem a divisão do roteiro em três atos com dois pontos de virada, um separando o primeiro ato do segundo e o outro separando o segundo ato do terceiro. Nessa divisão, o primeiro ato corresponde a cerca de 25% do filme, o segundo ato 50% e o terceiro ato os últimos 25%.

O que acontece é que entre um ponto de virada e outro existe muito espaço para onde o roteiro pode ir. Schock (2013) trabalha com o conceito de três atos, porém ele divide o segundo ato em 2A e 2B, cada metade com uma função diferente. Além disso, Snyder (2005) desenvolveu uma beat sheet que contém uma divisão ainda mais detalhada do que deve acontecer em cada ato levando em consideração o conceito de três atos e a divisão do segundo em duas metades.

3.3.1 Estrutura de 3 atos e 4 partes

O primeiro ato tem como função introduzir os personagens, estabelecer a premissa da história, passar informações vitais como onde se passa e qual é o gênero no filme, dar início ao caminho de ação do protagonista e levá-lo a um ponto onde o protagonista não pode mais retornar a como as coisas eram no começo. O primeiro ato, também, é composto de um incidente incitador que introduz o problema na vida do personagem e obriga-o a tomar uma atitude e levanta uma questão central, será que o protagonista conseguirá algo ou não, que só será respondida no terceiro ato (SCHOCK, 2013; SEGER, 2007).

O primeiro ponto de virada é o ponto onde o protagonista não pode mais retornar. Até então todas as ações do personagem permitiam que ele deixasse as coisas de lado e retornasse ao status quo. Quando o protagonista alcança o ponto de virada, ele toma uma atitude que não só torna a situação pior, mas a única opção é seguir em frente com o caminho de ação (SCHOCK, 2013).

No ato 2A, o protagonista está navegando numa nova situação e o foco é em como o personagem vai lidar com as coisas, geralmente tentando evitar conflito direto com a força de

antagonismo e reagindo as situações. Não importa o que ele faça todas as suas ações vão apenas deixar a situação pior, criando um monstro (SCHOCK, 2013).

No ato 2B, o protagonista para de reagir e começa a agir para lutar contra o monstro que ele mesmo criou. As forças de antagonismo começam a fechar o cerco em cima do protagonista, só resta a ele traçar objetivos claros e lutar por eles (SCHOCK, 2013).

Ao final do segundo ato, o protagonista se encontra derrotado e a questão central levantada no primeiro ato está em cheque, será que o protagonista realmente vai conseguir alcançar o seu objetivo? O ponto de virada entre o segundo e o terceiro ato proporciona esse momento de decisão do protagonista em reunir forças para a batalha final (SCHOCK, 2013).

O terceiro ato é conhecido como resolução, porque todos os conflitos e questões levantadas ao longo da história são resolvidos e respondidos aqui. A história atinge o clímax no qual o protagonista alcança a vitória ou é derrotado de vez (SCHOCK, 2013).

3.4 Blake Snyder Beat Sheet

Como mencionado anteriormente, Snyder (2005) propõem uma divisão ainda mais específica de ações que devem ocorrer dentro de cada ato. Para isso, ele criou o que ele chama de beat sheet que contém esses quinze pontos e uma sugestão de aproximadamente em qual página do roteiro esses pontos se encontram considerando um roteiro de cerca de 110 páginas. Esses pontos foram desenvolvidos, segundo o autor, a partir da análise de vários filmes de diversos gêneros e todos continham essas mesmas “batidas” aproximadamente no mesmo tempo de filme.

1. Opening Image/Imagem de abertura (1): “Na maioria dos bons filmes, a apresentação começa com uma imagem. A primeira coisa que visualizamos é uma imagem que nos dá uma boa noção do lugar em que se passa o filme, do ambiente, da estrutura e, por vezes até do tema.” (SEGER, 2007, p.40). A imagem de abertura é a primeira impressão de um filme e dá a oportunidade de conhecer o status quo do personagem, como é a vida dele antes do problema adentrar à história (SNYDER, 2005).

2. Theme Stated/Tema estabelecido (5): O tema do filme deve ser estabelecido logo nos primeiros cinco minutos de filme. Geralmente acontece através de um personagem que

questiona ou faz um comentário para o personagem principal que provavelmente não vai compreender no momento (SNYDER, 2005).

3. Set-up (1-10): O set-up é a apresentação do filme, onde cada personagem principal é introduzido na história, cada comportamento do protagonista que precisa ser mudado até o final é mostrado. Uma forma de melhor estabelecer o protagonista é durante o set-up mostrar o personagem e suas relações em casa, no trabalho e se divertindo (SNYDER, 2005).

4. Catalyst/Catalisador (12): O catalisador é o momento de derrubar o status quo do personagem e sacudir o mundo dele. Geralmente vem em forma de uma má notícia que obriga o personagem a tomar alguma atitude e embarcar na aventura (SNYDER, 2005).

5. Debate/Debate (12-25): Durante o debate o protagonista avalia as opções dele e se ele realmente deveria tomar alguma atitude e qual atitude em relação ao problema. Essa é a última parada antes do protagonista através o ponto onde ele não pode mais retornar (SNYDER, 2005).

6. Break into Two/Virada para o segundo ato (25): O ponto de virada para o segundo ato deve ser uma decisão tomada pelo protagonista, essa decisão deve ser definitiva e o ele não pode mais voltar atrás. O personagem embarca num novo mundo composto pelo segundo ato (SNYDER, 2005).

7. B Story/História B (30): A história B é conhecida como a história de amor em um filme. Além de servir como um respiro em relação a história A, que é a ação e resolução do problema, a história B abre espaço para a discussão do tema do filme, desenvolvimento de novos relacionamentos do personagem e trabalhar as necessidades internas (emocionais) do protagonista (SNYDER, 2005).

8. Fun and Games/Jogos e Diversão (30-55): Essa é a parte em que o protagonista está lidando com as situações do novo mundo que ele entrou. Os riscos não vão ser levantados até o ponto central, então o protagonista pode relaxar um pouco e explorar esse novo mundo (SNYDER, 2005).

9. Midpoint/Ponto central (55): No ponto central os riscos são aumentados e o protagonista precisa retornar à ação. Geralmente, o ponto central apresenta uma falsa vitória, o protagonista acredita que ele tem tudo que ele precisa e está perto do fim, mas ele ainda tem lições a aprender antes de aprender a lição que ele precisa e resolver o problema central (SNYDER, 2005).

10. Bad Guys Close In/Antagonistas se aproximam (55-75): Durante “Jogos e Diversão” o antagonista parecia temporariamente derrotado, então ele se reagrupa e retorna mais forte para lutar contra o protagonista (SNYDER, 2005).

11. All Is Lost/Tudo é perdido (75): Aqui acontece o oposto do ponto central. Também conhecido como falsa derrota, em tudo é perdido, o protagonista acredita estar completamente derrotado, ele perde a esperança de sair vitorioso dessa aventura (SNYDER, 2005).

12. Dark Night of the Soul/Noite sombria da alma (75-85): Esse é o ponto que o protagonista chega ao fundo do poço antes que ele possa ter a ideia brilhante que vai salvar sua vida (SNYDER, 2005).

13. Break into Three/Virada para o terceiro ato (85): O ponto de virada para o terceiro ato é quando o protagonista une aquilo que ele aprendeu com a história B (necessidades internas) com o que ele viver na história A (objetivo externo) e encontra a solução para resolver de vez o problema (SNYDER, 2005).

14. Finale/Final (85-110): O final é quando o protagonista põe em prática a solução, derrota de vez os antagonistas e resolve todas as questões que ficaram em aberto ao longo do filme (SNYDER, 2005).

15. Final Image/Imagem final (110): A imagem final é oposta a imagem inicial, é a prova de que a jornada para alcançar o objetivo transformou o protagonista e ele se encontra agora em um novo mundo (SNYDER, 2005).

3.5 O quadro

O último passo para a construção da estrutura do roteiro é o Quadro. O quadro é bem parecido com a proposta de uma escaleta e ajuda a enxergar melhor a estrutura de um roteiro e deixar claro o que precisa conter em cada cena e parte do filme. A forma como Blake Snyder (2005) propõe a elaboração do quadro é com 40 cartões distribuídos em quatro linhas. Cada linha corresponde a um pedaço do roteiro: primeiro ato, ato 2A, ato 2B e o terceiro ato.

Cada cartão representa uma cena e deve conter a indicação de local, em que local essa cena acontece, uma breve descrição da ação, os sinais de +/- que indicam a mudança emocional que acontece na cena e os sinais >< para indicar o conflito de cada cena (SNYDER, 2005).

A criação de cartões como esses ajudam a compreender o papel de cada cena dentro do roteiro e definir o que realmente é importante. “Toda cena que der para cortar, você corta.” – William Goldman (HOWARD & MABLEY, 2002, p.109). Visualizar as cenas como um todo num quadro torna mais perceptível o que deve ser cortado, o que está sobrando, antes de iniciar o trabalho de escrever.

O quadro também propicia a possibilidade de testar várias opções de ordem de cenas e ver qual oferece o melhor momentum e arco emocional.

Nesta etapa, os quinze pontos definidos anteriormente na beat sheet foram distribuídos em forma de cena no quadro.

3.6 Escrita e Revisões

Uma vez que o quadro está pronto, o próximo passo é escrever o roteiro e reescrevê-lo até que ele esteja pronto. A construção do quadro facilita o processo de escrita do roteiro. Já que as principais cenas do roteiro já estão definidas, o processo de escrita do roteiro se torna a transformação dos cartões em cenas completas com diálogos e a criação de cenas de menores que ligue uma cena a outra, quando necessário.

Outra parte importante desse processo, uma vez que o primeiro tratamento esteja pronto, é as revisões que podem ser diversas e com focos diferentes, como acertar a estrutura para que o roteiro fique bem conciso e não tenha cenas sobrando, desenvolvimento de personagem para deixar mais claras ou remover algumas características ou intenções dos personagens, desenvolvimento de diálogo e até mesmo a correção gramatical e de formato.

4. LOGLINE

Um ano após o suicídio de sua irmã mais nova, à beira de perder seu emprego e acabar de vez com o seu casamento, uma sobrevivente apática decide salvar uma criança que ela acredita estar sendo mal tratada pelos pais, na esperança de fazer o que ela não pode pela sua irmã.

5. PESQUISA

Antes de começarem a traçar o perfil dos personagens, eu passei pouco mais de um mês pesquisando sobre suicídio e o luto dos sobreviventes para compreender os principais comportamentos dessas pessoas, o que leva as pessoas a cometerem suicídio e como os familiares e amigos reagem ao perder alguém para o suicídio.

A principal fonte foram os artigos feitos pela Organização Mundial da Saúde. A OMS desenvolveu uma série de manuais bastante interessantes voltados para diversas áreas como mídia, profissionais de saúde, profissionais de primeiros socorros, escolas, formação de grupo de sobreviventes.

Além disso, eu encontrei artigos e teses de mestrado que tratavam do assunto e detalhavam algumas das principais características do luto e como as pessoas lidavam com o suicídio.

Ao longo dessa pesquisa eu consolidei uma lista de características e comportamentos que possivelmente a Alice pudesse ter. Além dos artigos científicos, alguns filmes e livros serviram de referência para mim em relação a isso.

5.1 Filmes

Os dois filmes que mais me marcaram foram A Ponte e Elena. Ambos são documentários, porém com estética e narrativas bem diferentes.

Em A Ponte, eu tive a oportunidade de me deparar com relatos bem reais sobre o momento do suicídio, como a família lidou com a notícia e o que aquilo significou para elas. Esse é um documentário bem forte porque realmente mostra as pessoas pulando da Golden Gate Bridge em São Francisco, Califórnia, para se matarem e entrevistas com os familiares dessas pessoas.

Elena apareceu já tardiamente no processo, quando eu já estava escrevendo o roteiro, mas me inspirou em algumas coisas. Elena é um documentário mais lírico, que mostra a busca de Petra por sua irmã falecida Elena. Ao assistir esse documentário eu consegui fazer uma ligação grande entre o que Alice está passando e o que Petra passou produzindo o documentário.

5.2 Livros

Os dois livros citados antes, *Os 13 Porquês* e *Eu Estive Aqui*, foram bem marcantes para mim. *Os 13 Porquês* permitiu-me entrar na cabeça de uma adolescente suicida e entender o conjunto de fatores que levaram ela a desistir da vida, ao mesmo tempo, em que um dos amigos dela ia descobrindo esses motivos e tentava lidar com isso.

Já *Eu Estive Aqui*, que é uma das grandes inspirações para eu contar a história de Alice, foi escrito porque Gayle Forman, a autora, se deparou com a história de uma mulher brilhante que sofreu com depressão e acabou se matando e ela queria falar sobre isso, sobre como a depressão, uma condição muitas vezes silenciosa acaba matando pessoas. No livro, além de acompanharmos a personagem principal vivendo o luto e o choque de ter perdido a melhor amiga através do suicídio, vamos descobrindo as realidades ocultas que levaram a menina a suicidar em primeiro lugar, como uma depressão que ela escondia há muito tempo.

Quando eu fiquei sabendo da história por detrás do livro e porque Gayle Forman decidiu contar essa história, eu tive uma certeza de que eu estava indo pelo caminho certo em contar a história de Alice, porque uma conversa sobre esses temas precisa ser iniciada em algum ponto e porque não através de um filme ou livro.

5.3 Seriados

A série *Chicago Fire* da emissora americana NBC, em sua quarta temporada tem uma trama sobre adoção de uma criança abandonada, que ajudou a ampliar o meu repertório para as cenas em que Alice está se aproximando de Viola e tentando conseguir a guarda dela.

6. PERFIL DOS PERSONAGENS

6.1 Alice

Alice tem aproximadamente 27 anos, é a filha mais velha e tem uma irmã 3 anos mais nova, Helena. Quando Alice toma uma decisão, ela vai até o final para conseguir o que ela quer. É cabeça dura, acredita que sempre está certa e que o seu jeito é o melhor para fazer as coisas. Ela é compassiva, altruísta e determinada. Decidiu ainda bem nova se tornar advogada para lutar contra as injustiças, apesar de ela não acreditar muito no sistema judiciário e em sua burocracia.

Uma das maiores injustiças para Alice é o fato de o cara que abusou sexualmente sua irmã mais nova quando elas ainda eram crianças nunca ter sido preso e nem condenado. Apesar dela sempre negar, no fundo no fundo ela nunca desistiu de encontrar o canalha que fez isso e se sente responsável por tudo, porque era ela que deveria estar cuidando da irmã mais nova quando o abuso aconteceu.

Desde o primeiro olhar, Alice encontrou alguém que fosse páreo para ela. Thiago, tão cabeça dura quanto ela, nunca cedeu fácil aos caprichos de Alice e os dois encontraram um no outro um perfeito balanço que nunca tinham encontrado antes com ninguém. Depois de dois anos de namoro, os dois se casaram e estavam prontos para viver o seu “felizes para sempre”.

Poucos meses após o casamento, Helena cometeu suicídio, o que abalou profundamente Alice. Sentindo-se culpada por ter deixado a irmã para trás para viver sua vida de casada, Alice se afundou num mar de tristeza e depressão, perdeu o gosto pela vida, perdeu o gosto por tudo e até deixou a sua determinação de lado. De tão apática virou praticamente um fantasma.

O que parecia que ia durar apenas um tempo, tornou-se rotina. Quase um ano após a morte de Helena, Alice ainda não havia se recuperado, o que tornava o casamento e a vida dela mais miserável. Nem de longe ela era a mulher por quem Thiago se apaixonou e que todos conheciam. Ela tornou-se relapsa no trabalho, quase sempre faltando ou saindo mais cedo, fazendo as coisas pela metade e mal feitas. No começo os seus chefes tentaram ser compreensivos visto o que tinha acontecido, mas agora eles já estavam cansados disso e ela está prestes a ser demitida e ela pouco se importa com isso, talvez fosse até melhor assim.

A mãe de Alice, ainda que pouco distante, tenta convencê-la a fazer o que é certo, a ir para a terapia e participar dos grupos de apoio a sobreviventes. Porém Alice pouco vai e quando vai é só para agradecer aos outros, ela não faz nenhum esforço de estar ali por ela mesma.

Alice é representada pelo arquétipo da *Crusader*, ela é corajosa, determinada, persuasiva, obstinada, imprudente e teimosa (COWDEN, LAFEVER & VIDERS, 2013). A *Crusader* não deixa qualquer obstáculo pará-la e acredita que se não for feito por suas mãos provavelmente a situação não vai ser resolvida da melhor forma, ela faz o que é preciso para cumprir seu objetivo, assim como nem mesmo a lei é obstáculo para impedir Alice de lutar por Viola, ela não se importa de colocar a sua vida em risco para conseguir o que ela quer.

Alice inicia a história apática, depressiva, vivendo o luto pela sua irmã e ela vai precisar resgatar a *Crusader* que sempre existiu dentro dela e aprender com o seu marido Thiago, o

Chief, para chegar ao final e salvar Viola. Se ela falhar em se auto resgatar e crescer com seu marido, ela falha em salvar Viola também.

6.2 Thiago

Thiago, aproximadamente 30 anos, cresceu sempre fazendo tudo da forma correta e acredita que esse é o melhor jeito para conseguir as coisas. Muito disciplinado, se tornou treinador das forças armadas, dando cursos de sobrevivência e paraquedismo. Ele é extremamente dedicado e busca sempre incentivar o melhor nos seus alunos.

A primeira vez que viu Alice achou ela toda insuportável com seu jeito todo cabeça dura e único de se fazer as coisas, mas logo viu também o seu bom coração e decidiu lutar por aquela mulher. Para ele, o casamento depois de dois anos de namoro era a realização de um sonho. Estava pronto para viver a vida que tanto sonhou. Ele tinha todos os planos organizados, os primeiros anos vivendo como se fosse uma eterna lua de mel, quando ter filhos, tudo. Finalmente ia ter a família que ele sempre quis.

Mas seus planos não duraram muito tempo. Logo nos primeiros meses de casamento a morte de Helena levou todos os seus planos por água abaixo. Thiago passou a se esforçar todos os dias para dar o seu melhor por Alice, deixar a situação o melhor possível para que ela pudesse viver o seu luto. Mas com o tempo viver com os pesadelos frequentes, a torturante apatia de Alice, a distância que só que crescia entre eles tornava a sua vida um inferno. Thiago passou a viver entre lutar pelo amor da sua vida ou jogar tudo para o alto. A gota d'água para Thiago foi a ideia maluca de Alice de tentar “salvar” uma criança que ela nem conhece direito.

Thiago é o *Chief*, organizado, motivado, confiante, responsável, decidido, orientado por seus objetivos, e ao mesmo tempo teimoso, cabeça dura e um pouco insensível (COWDEN, LAFEVER & VIDERS, 2013). Ele está acostumado a fazer tudo de acordo com as regras e tentar quebrar uma está fora de questão. Para Thiago chegar até o final e manter o seu casamento, ele vai ter que aprender a ser mais compassivo e olhar mais para os outros e ser mais flexível.

6.3 Helena

Apesar de Helena não estar mais viva, ela é quase uma entidade presente no filme e influencia nas decisões de Alice. Ela sempre foi a irmã mais frágil e a mais irresponsável. Quando era pequena, ela fugiu uma vez de Alice no parque e acabou sendo abusada sexualmente. Mesmo com todas as terapias e remédios a sua vida nunca mais voltou a ser a mesma.

Os pesadelos e as memórias eram frequentes. Helena se esforçava para mostrar que estava tudo bem, que os outros deveriam seguir a sua vida e parar de viver por ela, mas nunca tudo estava bem. Às vezes ela se afundava no alcoolismo para não sentir nada, às vezes os remédios eram sua fuga, mas a dor sempre estava ali.

Até um ponto que Helena não aguentou mais e decidiu se matar depois de anos e anos lutando consigo mesma para ter uma vida decente. Ela acreditou que assim ela acabaria com o seu sofrimento e permitiria que todos seguissem as suas vidas, Alice poderia se dedicar ao seu casamento, sua mãe aos projetos pessoais dela. No final das contas todos sairiam ganhando.

6.4 Viola

Viola não é realmente seu nome, mas como Alice decide chamá-la. Ela é apenas uma criança de cerca de 18 meses que sofre maus tratos dos pais, uma entre tantas. Apesar de não ter um arquétipo ainda formado e muito da ação independe dela, ela é a força motivadora que pode fazer Alice lutar para ser quem ela era antes.

A escolha do nome Viola para mim foi bem pessoal, porque eu queria deixar uma marca minha no roteiro. Por dois motivos eu escolhi que durante a maioria do filme ela fosse chamada por esse nome. Primeiro por ser filha de violeiro, eu cresci brincando que a viola era minha irmã mais nova e eu queria deixar essa homenagem escondida ao meu pai e a nossa história. E por outro lado Viola é o nome de uma das heroínas de Shakespeare, que se passa por outra pessoa para conseguir o que ela quer. E a Viola de *Eu Espero* tem um efeito bem semelhante, ela se torna muito querida por Alice para poder se salvar, ainda que essa não seja uma escolha consciente da personagem.

7. BEAT SHEET

Durante a etapa de elaboração da *beat sheet*, por algumas vezes eu fiquei presa e não conseguia desenvolver e aí eu transitava entre preencher a *beat sheet* e trabalhar no quadro. Conforme eu ia acertando as cenas no quadro, eu consegui avançar e finalizar a *beat sheet*.

Segue abaixo as *batidas* definidas conforme o exposto no capítulo teórico-metodológico e nos anexos o quadro desenvolvido por Tom Gowen com as indicações de páginas e relações entre cada *batida*.

- 1. Opening Image/Imagem de abertura (1):** Alice tem o pesadelo com Helena e ela e Thiago discutem.
- 2. Theme Stated/Tema estabelecido (5):** Thiago diz à Alice que ela precisa parar de se culpar pela morte de Helena e seguir em frente com a vida.
- 3. Set-up (1-10):** A mãe de Alice liga para avisar da missa de um ano de falecimento de Helena. A secretária entrega um processo à Alice no qual ela precisa trabalhar. Alice vai visitar o túmulo de Helena e pedir um sinal de como consertar as coisas.
- 4. Catalyst/Catalisador (12):** Alice passa por uma rua e vê uma criança sendo negligenciada pelos pais, o sinal que ela pediu à Helena.
- 5. Debate/Debate (12-25):** Alice comenta com Thiago, mas ele acha que ela não deve se envolver com isso. Ela sai mais cedo do trabalho para checar a criança. Alice vai ao túmulo de Helena para conversar com ela.
- 6. Break into Two/Virada para o segundo ato (25):** Alice vai até a casa da criança e decide interferir e levar a criança com ela.
- 7. B Story/História B (30):** Alice passa a cuidar de Viola e ela cria um carinho profundo por ela.
- 8. Fun and Games/Jogos e Diversão (30-55):** Alice tenta conseguir a guarda de Viola para que ela possa cuidar dela definitivamente.
- 9. Midpoint/Ponto central (55):** Alice está próxima de conseguir a guarda de Viola e salvá-la de vez.
- 10. Bad Guys Close In/Antagonistas se aproximam (55-75):** Os pais de Viola aparecem procurando por ela e conseguem provar que são os pais dela.

- 11. All Is Lost/Tudo é perdido (75):** A guarda de Viola é devolvida aos pais biológicos dela.
- 12. Dark Night of the Soul/Noite sombria da alma (75-85):** Thiago decide sair de casa, porque ele não aguenta mais. Ela é demitida do trabalho. E se encontra sozinha em casa.
- 13. Break into Three/Virada para o terceiro ato (85):** Alice tem o pesadelo com Helena, mas dessa vez ela vê o estuprador e é o pai de Viola.
- 14. Finale/Final (85-110):** Alice tenta provar que foi o pai de Viola o estuprador de Helena, mas não há a menor possibilidade que seja ele e de qualquer forma o crime já foi prescrito. Alice acaba percebendo que ela perdeu tudo porque ela estava vivendo tentando corrigir o passado e decide que é hora de seguir em frente e deixar que a justiça cuide das coisas no seu tempo.
- 15. Final Image/Imagem final (110):** Alice consegue a tutela provisória de Viola depois que a assistente social presencia Viola sendo agredida.

8. O QUADRO

O quadro foi uma das etapas mais difíceis do processo. Eu já tinha clareza de que eu tinha o início do roteiro muito bem definido e parte do final, mas o meio (segundo ato) era uma grande incerteza para mim e o que a princípio parecia ser fácil se tornou um grande desafio.

Eu fui preenchendo cada cartão conforme as ideias iam surgindo e não necessariamente na sequência do roteiro. Houveram algumas alterações na ordem dos cartões conforme eu fui achando necessário e por diversas vezes eu retornei a *beat sheet* para tentar solucionar algum ponto que não estava andando ou algo que eu achei falho na estrutura.

Um dos maiores desafios para mim, além do segundo ato, foi desenrolar o final nos cartões, pois eu tinha uma ideia de como eu queria que o roteiro terminasse, mas eu não sabia como fazer para alcançar esse resultado. Durante todo esse processo houve uma pausa de cerca de duas semanas que me permitiu arejar a cabeça e voltar para enxergar o quadro de uma forma diferente.

A imagem do quadro com os 40 cartões representando cada cena estão nos anexos dessa memória.

9. ESCRITA

Escrever o roteiro foi a parte mais desafiadora do processo, porque exigia tempo, concentração e uma clareza muito grande do que eu queria passar através de cada cena. No começo, eu criei um cronograma para segmentar a escrita do roteiro em partes menores e me dar pequenos prazos de forma que o trabalho não se acumulasse para o final. Infelizmente esse cronograma funcionou por pouco tempo e depois foi abandonado e eu passei a escrever o roteiro conforme eu ia encontrando tempo para fazê-lo.

Geralmente, eu sentava com alguns papéis do quadro e ia transformando eles em cenas. Muitas vezes eu fiquei presa em cenas que me custaram muito esforço para conseguir escrevê-las até o final e poder, então, passar para a próxima cena.

Uma das maiores dificuldades foi entender alguns trâmites jurídicos para que eu pudesse desenvolver algumas cenas. Eu gastava muito tempo pesquisando na internet e nem sempre achava respostas satisfatórias para as minhas dúvidas. A partir do momento que eu pude contar mais com a ajuda de um advogado disponível para responder todas as minhas dúvidas conforme elas iam surgindo, o processo caminhou mais rápido, porque aí eu não precisava mais gastar tanto tempo pesquisando determinadas coisas e eu tinha respostas bem claras.

Eu havia planejado no meu cronograma tempo para finalizar o primeiro tratamento e conseguir fazer um segundo e talvez até um terceiro, porém com o abandono do calendário e a dificuldade de conciliar o tempo para fazer o produto com as outras matérias, eu acabei conseguindo fazer apenas o primeiro tratamento. No entanto, ao longo do processo de escrita eu voltei por diversas vezes em cenas anteriores que estavam me incomodando para alterá-las até eu conseguir chegar na fluidez que eu estava buscando.

Apesar de todo o planejamento feito nas etapas anteriores, eu precisei estar bem aberta às demandas da história e dos personagens conforme eu ia escrevendo. Quanto mais os personagens ganhavam vida através das páginas de roteiro, mais eles começavam a surgir com demandas que eu não havia pensado antes. E até mesmo personagens que eu não havia idealizado antes surgiram para compor a trama também, como é o caso de Ana. E algumas cenas e batidas que estavam previstas no quadro acabaram sendo alteradas e trocadas de lugar para que a história fosse se acomodando da forma que eu achava melhor. Como por exemplo, o meio do segundo ato que deveria acontecer com Alice pedindo a guarda de Viola, mas na verdade

acabou sendo quando Viola chama Alice de “mama” pela primeira vez, porque ao meu ver essa cena cumpria melhor o papel para essa batida.

Apesar de todas as dificuldades foi um processo maravilhoso que eu amei experimentar. Durante os últimos dias eu passei literalmente horas e horas sentada escrevendo e eu não conseguia perceber o tempo passar de tão envolvida que eu estava em contar a história desses personagens. Só isso já valeu muito a pena para mim.

10. CONCLUSÃO

Escrever um roteiro de longa-metragem não é tarefa fácil, mas se torna agradável quando se é apaixonado pelo que se escreve. Para mim como graduanda foi muito importante passar por essa experiência de trabalhar duro para conseguir transformar as ideias que haviam em mim num roteiro completo.

Foi muito importante para o processo de escrita ter uma básica teórica, tanto de metodologia quanto do tema, já bem consolidada ao longo dos vários meses que antecederam a escrita do roteiro. Todo o planejamento anterior também foi de extrema importância, ainda que ele não tenha sido seguido à risca. O quadro e a *beat sheet* foram guias fundamentais para que eu não me perdesse ao longo do roteiro e levasse a história para outro caminho. Era bem claro para mim desde o início do processo de escrita aonde eu queria chegar com essa história.

Os personagens foram me encantando ao longo do roteiro e eu tinha prazer em contar a história deles. Muitas vezes durante o processo de escrita, eu parava voltava algumas cenas atrás e pensava “a Alice realmente faria isso?” ou “se eu fosse a Alice o que eu iria fazer?”. Pensar como Alice se tornou parte da minha rotina até mesmo quando eu não estava escrevendo, porque no fundo da minha cabeça eu sempre estava trabalhando em uma cena que eu precisava escrever ou já tinha escrito e não estava satisfeita com ela.

E apesar das muitas coisas que eu acho que ainda precisam ser melhoradas no trabalho, como algumas cenas que estão muito expositivas, ou personagens que falam demais em determinados momentos, o terceiro ato que eu acho que precisa ser melhor trabalhado, eu estou orgulhosa desse primeiro tratamento.

Eu espero que o futuro desse roteiro não seja ficar guardado em uma gaveta. Eu planejo, em breve, trabalhar em novos tratamentos dele para que ele não morra apenas como um trabalho

de conclusão de curso. Eu tenho a intenção de conforme ele for evoluindo submeter a concursos de roteiro para ver como ele se sustenta e até possivelmente fazer uma versão em inglês para participar de concursos no exterior como o promovido pelo *Austin Film Festival*, que além da participação, todos os concorrentes recebem um *feedback* de pessoas da indústria cinematográfica.

Por fim, a maior conclusão que eu tiro com esse trabalho é que quando a gente se dedica com afinco a alguma coisa a gente passa a atrair pessoas, situações, informações que agregam à gente. Durante todo o semestre, pessoas que nem sabiam sobre o tema do meu projeto, comentaram e relataram sobre ter perdido alguém através do suicídio ou conhecer alguém que perdeu, muitos dados, referências foram chegando a mim por coincidência do destino e todas essas coisas me motivaram ainda mais a trabalhar duro para escrever algo que significasse alguma coisa. E quanto mais eu falava sobre ele, mais pessoas chegavam com relatos, o que de certa forma mostra que ainda é preciso continuar falando sobre suicídio e o luto dos sobreviventes.

11. BIBLIOGRAFIA

Centro de Valorização da Vida. Disponível em: <<http://www.cvv.org.br/inde.php>>. Último acesso em 16/06/16.

Conselho Federal de Psicologia. **O suicídio e os Desafios para a Psicologia.** Brasília, 2013.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro: teoria e prática.** 2. ed., rev., atual. e amp. São Paulo: Summus, 2009.

COWDEN, Tami; LAFEVER, Caro; VIDERS, Sue. **The Complete Writer's Guide to Heroes and Heroines: Sixteen Master Archetypes.** Archetype Press, 2013.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro: Os fundamentos do texto cinematográfico.** São Paulo: Objetiva, 2001.

HOWARD, David H; MABLEY, Edward. **Teoria e prática do roteiro: um guia para escritores de cinema e televisão, com análises de 16 filmes famosos.** 3. ed. São Paulo: Globo, 2002.

Organização Mundial da Saúde. **Fact sheet N°398.** Revisada em Agosto de 2015. Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs398/en/>>. Último acesso em 22/11/15.

Organização Mundial da Saúde. **Mortality Database.** Disponível em: <<http://apps.who.int/healthinfo/statistics/mortality/whodpms/>>. Último acesso em 16/06/16.

Organização Mundial da Saúde. **Prevenção do Suicídio: Um Manual para Médicos Clínicos Gerais.** Genebra, 2000.

Organização Mundial da Saúde. **Prevenção do Suicídio: Um Manual para Profissionais da Mídia.** Genebra, 2011.

Organização Mundial da Saúde. **Preventing Suicide: A Global Imperative.** Geneva, 2014.

Organização Mundial da Saúde. **Preventing Suicide: A Global Imperative - Myths**. Geneva, 2014.

Organização Mundial da Saúde. **Preventing Suicide: How to Start a Survivors' Group**. Geneva, 2008.

Organização Mundial da Saúde. **Questions and answers on suicide**. Revisada em Agosto de 2015. Disponível em: < <http://www.who.int/features/qa/24/en/>>. Último acesso em 16/06/16.

Organização Mundial da Saúde. **Suicide**. Revisada em Abril de 2016. Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs398/en/>>. Último acesso em 16/06/16.

SCHMIDT, Victoria Lynn. **45 Master Characters: Mythic Models for Creating Original Characters**. 2. ed. Writer's Digest Books, 2011.

SCHOCK, Michael Welles. **Screenwriting Down to the Atoms: Digging Deeper into the Craft of Cinematic Storytelling**. 1. ed. Scriptmonk Industries, 2013.

SEGER, Linda. **Como aprimorar um bom roteiro**. 1. ed. São Paulo: Bossa Nova, 2007.

SILVA, Susana Fernandes da; POLUBRIAGINOF, Cláudia. **Suicídio e seu impacto no contexto familiar**. Revista de Enfermagem UNISA, Rio de Janeiro, 10(1): 78-82, 2009.

SNYDER, Blake. **Save The Cat!**. Califórnia: Michael Wiese Productions, 2005.

12. ANEXOS

12. 1 Beat Sheet

<p>OPENING IMAGE <small>page 1</small></p> <p>THE CURRENT STATE</p> <p>Alice tem o pesadelo com Helena e ela e Thiago discutem</p>	<p>THEME STATED <small>page 5</small></p> <p>Thiago diz que ela precisa parar de se culpar e seguir em frente com a sua vida</p>	<p>SETUP <small>page 1-10</small></p> <p>Home: A mãe de Alice liga para avisar da missa de um ano de falecimento de Helena</p> <p>Work: A secretaria entrega um processo à Alice no qual ela precisa trabalhar</p> <p>Play: Alice vai visitar o túmulo de Helena e pedir um sinal de como consertar as coisas</p> <p><i>"Save the Cat" moment!</i></p>		<p>STASIS-DEATH</p> <p>Alice passa por uma rua e vê uma criança sendo negligenciada pelos pais, o sinal que ela pediu à Helena</p>	<p>CATALYST <small>page 1</small></p> <p>THE CURRENT STATE</p> <p>Home: Alice comenta com Thiago, mas ele acha que ela não deve se envolver com isso</p> <p>Work: Alice sai mais cedo do trabalho para checar a criança</p> <p>Play: Alice vai ao túmulo de Helena para conversar com ela</p>
<p>BREAK INTO 2 <small>page 20</small></p> <p>Hero's WANT</p> <p><i>Yongle's Goal (problem to achieve)</i></p> <p>Alice vai até a casa da criança e decide interferir e levar a criança com ela</p> <p>WANT</p> <p>PROBLEM</p>	<p>B-STORY <small>(INTERNAL) page 30-35</small></p> <p>Alice passa a cuidar de Viola e ela cria um carinho profundo por ela</p> <p>FUN & GAMES <small>(EXTENSIVE) page 30-35</small></p> <p>Alice tenta conseguir a guarda de Viola para que ela possa cuidar dela definitivamente</p>	<p>MIDPOINT <small>page 50</small></p> <p><input type="checkbox"/> False Victory</p> <p>Alice está próxima de conseguir a guarda de Viola e salvá-la de vez</p> <p><input type="checkbox"/> False Defeat</p>	<p>BAD GUYS CLOSE IN <small>(INTERNAL) page 50-55</small></p> <p>Os pais de Viola aparecem procurando por ela e conseguem provar que são os pais dela</p> <p>WISER OF DEATH</p>	<p>ALL IS LOST <small>page 70</small></p> <p>A guarda de Viola é devolvida aos pais biológicos dela</p> <p>WANT</p>	<p>DARK NIGHT OF THE SOUL <small>page 70-75</small></p> <p>Home: Thiago decide sair de casa, porque ele não aguenta mais</p> <p>Work: Alice é demitida do trabalho</p> <p>Play: Alice se encontra sozinha em casa</p>
<p>BREAK INTO 3 <small>page 75</small></p> <p>Hero's NEED</p> <p><i>Yongle's Goal (emotional)</i></p> <p>Alice tem o pesadelo com Helena, mas dessa vez ela vê o estuprador e é o pai de Viola</p> <p>NEED</p>		<p>GATHERING THE TEAM <small>page 80-100</small></p> <p><input type="checkbox"/> Team Assembles</p> <p>Alice vai atrás dos arquivos antigos do processo de investigação sobre o estupro de Helena</p> <p><input type="checkbox"/> Team Abandons Hero</p>	<p>STORMING THE CASTLE <small>page 100-120</small></p> <p>Alice tenta encontrar algo que possa ligar o pai de Viola ao estupro</p> <p>HOPE</p> <p>DESPAIR</p>	<p>HIGHTOWER SURPRISE <small>page 120-130</small></p> <p>Alice descobre que mesmo que ela encontre algo o crime já foi prescrito e não vai adiantar nada</p> <p>NEED</p>	<p>DIG DEEP DOWN <small>page 130-140</small></p> <p>Alice encontra a carta de suicídio de Helena e percebe que ela perdeu tudo porque ela estava tentando consertar o passado e se esqueceu do presente</p>
<p>EXECUTING THE NEW PLAN</p> <p>CHANGED</p> <p>Alice vai atrás de Thiago para se reconciliarem e decide deixar que a justiça cuide do resto</p>	<p>FINAL IMAGE <small>page 140</small></p> <p><input type="checkbox"/> Hero is changed (HAPPY ENDING)</p> <p>Alice consegue a tutela provisória de Viola e ela e Thiago tem o seu final feliz</p> <p><input type="checkbox"/> Hero rejects change</p>	<p>Title: _____</p> <p>Logline: On the verge of _____, a _____, but when _____, _____ must learn _____ before _____</p> <p>Genre:</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Monster in the House <input type="checkbox"/> Whydunnit <input type="checkbox"/> Dude with a Problem <input type="checkbox"/> Golden Fleece <input type="checkbox"/> Buddy Love <input type="checkbox"/> Out of the Bottle <input type="checkbox"/> Fool Triumphant <input type="checkbox"/> Institutionalized <input type="checkbox"/> Rites of Passage <input type="checkbox"/> Superhero 			

